



Interfaces sobre a nação brasileira no pensamento comunicacional de Luiz Beltrão¹

Tiago Roberto RAMOS²
Zuleika de Paula BUENO³
Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR

Resumo

Historicamente, a problemática da cultura Brasileira e da Identidade Nacional se constituiu como uma questão política, ou seja, os grupos sociais e intelectuais promovem uma reinterpretação do popular de forma a configurar uma determinada concepção de Identidade Nacional. Luiz Beltrão ao formular sua teoria folkcomunicacional, relacionando folclore, cultura popular e identidade nacional, trabalha, ainda que indiretamente, sob estes princípios. Ao reinterpretar o folclore e sua dinâmica, Beltrão propõe não somente um teoria comunicacional, mas novos caminhos para se sintetizar a identidade nacional Brasileira. Este artigo pretende realizar um pequeno levantamento bibliográfico tentando identificar a qual linha do pensamento social brasileiro à concepção de identidade nacional de Luiz Beltrão está relacionada e quais as implicações destas filiações teóricas.

Palavras-chave

Folkcomunicação; Pensamento Social Brasileiro; Luiz Beltrão.

Da Teoria da Comunicação ao Pensamento Social

Renato Ortiz afirma que: “a construção da identidade nacional necessita, desses mediadores que são os intelectuais. São eles que descolam as manifestações culturais de sua esfera particular e as articulam em uma totalidade que as transcende”. (2006, p.140/1), totalidade esta colocada a disposição das forças políticas como forma de atuação no cenário nacional.

No Brasil a problemática da cultura brasileira e da identidade nacional foi sempre uma questão política. A *intelligentsia* brasileira esteve sempre preocupada em exteriorizar a dimensão interna do poder da cultura. Os intelectuais foram os responsáveis em fazer as ligações entre o geral e o particular de forma a construir um ideário de nação, de nacionalidade, de identidade, relacionando a cultura e suas

¹ Trabalho apresentado no IJ 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul e realizado de 17 a 19 de maio de 2010.

² Estudante de Graduação 7º semestre do curso de Ciências Sociais do DCS-UEM, e-mail: tibobster@yahoo.com.br

³ Orientadora do Trabalho. Professora do Departamento de Ciências Sociais DCS-UEM, e-mail: zupbueno@hotmail.com



manifestações com aquilo que lhe é exterior, ao mesmo tempo redescobrimo aquilo que lhe é interior, ou seja, a identidade nacional brasileira foi sempre um projeto político com vistas a sustentar determinadas afirmações e a renegar outras. Como afirma Ortiz (2006, p.8): “A problemática da cultura brasileira tem sido, e permanece, até hoje, uma questão política. (...) a identidade nacional está profundamente ligada a uma reinterpretação do popular pelos grupos sociais e à própria construção do Estado brasileiro.”

A partir dos anos de 1960 essas características da atuação da intelectualidade nacional se tornam mais manifestas. As alterações no quadro político brasileiro impulsionam as forças nacionais a rearticulação da nacionalidade e da identidade nacional buscando reestruturar o quadro da participação política, trazendo à tona as características políticas das manifestações populares.

Na década de 1960 o Brasil sofre grandes alterações no seu quadro sócio - político – econômico, entre 1962 e 1964 temos em funcionamento o CPC Centro de Cultura Popular da Une que possui um projeto revolucionário – reformista da ideologia nacionalista levando os intelectuais a um maior contato mais íntimo com a população brasileira o que permitiria a formulação de novos debates sobre o tema da nacionalidade. Debates estes que focavam a necessidade de “reformular” a nação e aumentar sua participação e erudição política.⁴

O CPC concebe o folclore nacional e a cultura popular como um projeto político de realização, emancipação, do próprio povo dirigido pelos intelectuais capazes de “tornar-se povo”. Mas em 1964 o sonho acaba, chegam os anos de chumbo, temos o esfacelamento das esquerdas, a luta armada, censura, repressão e o coroamento do regime com o AI5.

A ditadura provocou o acirramento desse debate, mesmo que de forma desproposita. Os intelectuais se encontraram cada vez mais no papel de encontrar as soluções para as questões nacionais. Diversos nomes se dedicam a este debate, dentre deles encontramos o de Luis Beltrão, que se dedicou ao estudo do folclore enquanto manifestação comunicacional da vontade popular.

É neste cenário sócio político que surge Luiz Beltrão de Andrade e Lima (1918 – 1986) um dos principais teóricos do jornalismo no Brasil, assim como do campo de comunicação de forma geral, isto, pois foi ele quem primeiro estudou os processos

⁴ Sobre a atuação do CPC Cf. Ortiz (2006 p. 68-79)



comunicativos na realidade brasileira, organizou os primeiros currículos dos cursos superiores de jornalismo, desenvolveu uma extensa obra sobre a prática do jornalismo, incentivando a profissionalização e o aperfeiçoamento deste campo, fundou o primeiro centro de pesquisas acadêmicas sobre comunicação e a primeira revista científica brasileira dedicada aos temas comunicacionais. Foi também o primeiro doutor, em comunicação, a titular-se por uma universidade brasileira, isso ocorreu em 1967, com a tese: “Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias”⁵

Como podemos observar, a obra de Beltrão é demasiadamente extensa e rica. Por isso circunscrevemos a análise que vamos desenvolver a sua tese de doutorado, na versão publicada em 2001 pela EDIPUCRS, e a alguns textos de sua autoria publicados na coletânea “Mídia e Folclore” organizado por José Marques de Mello. Buscamos compreender as implicações políticas do discurso acerca da identidade nacional presente nesta obra, bem como sua filiação a determinadas correntes teóricas, e seu diagnóstico acerca da realidade nacional brasileira, enfim pretendemos analisar as características do pensamento social de Luiz Beltrão de Andrade e Lima durante a década de 1960. Para tanto utilizamos de alguns preceitos da análise de discurso e da análise sociológica clássica. Neste sentido adotamos a posição que Orlandi (1993, p.7) assume, a de que não existem idéias fora do lugar, mas: “As idéias não tem *um* lugar, têm *muitos*.”

Em “Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias” tem-se uma das obras mais representativas deste teórico, nela congrega-se a sua tese de doutorado apresentado a Universidade Nacional de Brasília (UNB) durante a década de 1960. Nesta obra Beltrão lança as bases fundamentais da teoria de comunicação genuinamente brasileira, a Folkcomunicação, que até hoje é um paradigma vivo e pulsante no nosso meio acadêmico.

Como o próprio Beltrão afirma a Folkcomunicação é “o processo de intercâmbio de informação e manifestação de opiniões, idéias e atitudes da massa, através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore” (BELTRÃO, 2001 p.79)

Em dez capítulos, divididos em duas partes, Beltrão irá tratar dos pressupostos fundamentais que o levaram a construir essa concepção dos processos comunicativos.

⁵ Para mais informações sobre o perfil intelectual de Luiz Beltrão consultar a obra de Benjamin , 1998.



Na primeira parte, que contém quatro capítulos, o autor trata diretamente da sua tese e constrói a fundamentação teórica e a metodologia das suas idéias. É nela que Beltrão lança alguns pontos extremamente importantes, que permeiam toda a obra.

Para o autor a sociedade contemporânea está composta por diversos grupos separados pela sua heterogeneidade, entretanto estes grupos possuem uma unidade mental, permitida pela comunicação, que levam a todos a um objetivo comum: “adquirir sabedoria e experiência para sobreviver e aperfeiçoar a espécie e a sociedade” (BELTRÃO, 2001 p.53). É ressaltado também o papel ativo do receptor no processo comunicacional, que responde a esse processo por meio das suas ações (p.55).

Ainda nesta parte Beltrão expressa uma dos seus mais importantes diagnósticos sobre a realidade social brasileira. Para o autor o Brasil é marcado por uma dicotomia: de um lado as elites intelectuais e dirigentes e do outro a massa urbana e rural. O primeiro em franco desenvolvimento cultural e econômico sob forte influência dos meios de comunicação massivo, o último marginalizado e fora do círculo de influências desses meios, o que os tornava alienados dos interesses das elites dirigentes, ou seja, dois “Brasis” cada um pensado e compreendido de forma peculiar, um crescendo de acordo com os planos desenvolvimentistas, o outro se desenvolvendo a partir da crença em seus “catimbós”. Para que o progresso ou o desenvolvimento ocorresse fazem-se mais do que necessário a união destes dois pontos dicotômicos do Brasil, ou seja, é necessária uma consciência nacional para o desenvolvimento político e econômico do país. Esse diagnóstico é presente em toda a obra, e não seria exagero dizer, que é um dos pontos fundamentais para a compreensão da proposta de Beltrão.

Achamo-nos, hoje, em nosso País, na etapa decisiva do desenvolvimento. Todas as perspectivas nos apontam como nação líder na América Latina – em população, em território, em riqueza potencial, em industrialização, em possibilidades de penetração e comércio – comércio de bens e comércio de idéias com os jovens países africanos e com a comunidade européia e afro-asiática de língua portuguesa. Essa comunidade, cujas raízes e propósitos são idênticos e não produtos de alguma ficção política, tem os olhos voltados para o que somos e o que pensamos e fazemos. A verdade é que temos uma grave responsabilidade na feitura do mundo contemporâneo e futuro; responsabilidade de que ainda, entretanto, não nos apercebemos.

Só poderemos, na realidade, oferecer ao mundo nosso retrato de corpo inteiro quando houvermos conseguido rearticular a Nação, rejuntando as peças ora isoladas do jogo de armar de nossa unidade – que é o grande desafio da atualidade. Desafio a que não resistiram os povos desavisados e desavindos da Coréia e do Vietname. (BELTRÃO, 2001A, p. 152)



Nestes mesmos termos Beltrão coloca a folkcomunicação enquanto possibilidade de ação para a concretização da união destes dois Brasis, enquanto uma forma de conhecimento capaz de realizar uma ponte, fazendo com que o Brasil possa assumir seu lugar e papel no conjunto internacional das nações. Posto que, como ele mesmo aponta, a falta de conhecimento sobre esta faceta da realidade brasileira seria uma fragilidade a qual o Brasil esteve submetido.

E não seria uma ameaça à unidade nacional, aos programas desenvolvimentistas, aos nossos ideais políticos e à mesma sobrevivência do homem brasileiro, como tipo social definido, o alheamento em que nós – jornalistas – e os nossos governantes nos mantínhamos ante essa realidade enigmática que é a comunicação sub-reptícia de alguns milhões de cidadãos alienados do pensamento das elites dirigentes? (BELTRÃO, 2001A, p.147)

Nesta direção, Beltrão vai, junto com Edison Carneiro, na contramão das teorias que culpavam o folclore pelo atraso nacional. Apontando o folclore, entendido nas suas dinâmicas comunicativas, como precursor da união nacional que falta para concretizarmos o nosso desenvolvimento, Beltrão coloca as classes subalternas no em direção ao progresso.

Nesse sentido podemos inferir que a Folkcomunicação, de certa forma, se apresenta como o meio pelo qual o Brasil poderá alcançar o desenvolvimento, econômico e social, tão buscado. Já que o processo folkcomunicacional permite a compreensão da forma como as classes marginalizadas se utilizam para expressar a sua concepção de Brasil, e da forma como as elites dirigentes vêem essa expressão. O processo comunicativo folkcomunicacional é um processo de mão dupla que permite a ligação entre esses pontos destoantes do Brasil. Esta vontade intensa de cooperação entre as classes formadoras do país, a busca constante em demonstrar a diferenças formativas que, ao mesmo tempo em que “atrapalham” o desenvolvimento de uma nação, permite o surgimento de um processo único de intercâmbio de informações, essa colocação do desenvolvimento, possível apenas pela integração harmônica dessas distintas faces do Brasil nos faz pensar que esse processo comunicativo, ao mesmo tempo em que surge no conflito, de interesses e desejos, busca apagar, ou reverter essa situação de conflito, assentar os interesses e desejos em bases comuns, para ai sim constituir um verdadeiro pensamento compartilhado, unido capaz de colocar o país no seu “devido lugar”.



É nesse ponto que um personagem em especial desempenha papel fundamental. O líder de opinião, concepção esta que Beltrão toma “emprestada” de Paul Lazarsfeld. O líder de opinião atua nos diferentes extratos sociais podendo realizar um fluxo contínuo de comunicação entre os diferentes grupos sociais, já que possui características – como a personificação de interesses específicos, a posição de autoridade dentro do grupo, a acessibilidade, a quantidade de relações intra e extra grupo, e o acesso a informação relevantes provenientes de fora de seu círculo imediato - que o faz “circular” com facilidade entre os mais distintos grupos, influenciando, interpretando e re-interpretando as informações de acordo com as características do grupo em que atua, ou seja, o líder de opinião é um verdadeiro tradutor das informações e dos acontecimentos. Sua atuação parece ser imprescindível para a ligação entre esses dois Brasis.

Na segunda parte do livro, que contém seis capítulos, Beltrão trata de apresentar preceitos para a realização de pesquisas folkcomunicativas, assim ele constrói um histórico sobre a comunicação no Brasil, desde o período pré - colonização – apontando a eficiência das técnicas comunicativas entre os indígenas; que conseguiram difundir o Tupi e construir uma unidade social bem consolidada – o período da colonização - marcado, principalmente, pela eficiência que os jesuítas obtiveram, por meio do domínio da língua Tupi, em converter inúmeros silvícolas e construir grande número de reduções por todo o extenso território brasileiro – passando também pelo período da independência – onde a presença de uma consciência nacional foi fundamental para o desenrolar dos fatos históricos, consciência essa alcançada pela presença de inúmeros veículos comunicativos, verdadeiros agentes de interligação entre os grandes centros e os núcleos esparsos do território nacional. Nesta parte Beltrão salienta a importância dos veículos das camadas populares, nos quais elas “organizam uma consciência comum” (BELTRÃO, 2001 p.125) representativa do estado de espírito destas populações.

Aqui podemos perceber a importância que Beltrão dá a comunicação enquanto formuladora da unidade nacional. Pelo que o autor postula podemos afirmar que o folclore e a cultura popular, compreendidas nas suas dinâmicas comunicativas, se apresentam como meios para se construir uma síntese sobre o tipo social brasileiro e sua identidade.

Após esse levantamento histórico Beltrão fala diretamente dos veículos mais utilizados por estas populações marginalizadas e trata da sua influência direta na forma



como estas populações compreendem, interpretam e expressam a sua interpretação sobre sua realidade.

O autor classifica estes veículos de acordo com suas características, assim, temos: a informação oral – cantadores, caixeiros – viajantes, chofer de caminhões -, a informação escrita – os folhetos, os almanaques, calendários e livros de sorte -, e a folkcomunicação opinativa - esta mais representativa da força que o folclore e a cultura popular possuem como fonte de manifestação de opiniões, é nela que encontramos os centros de informação, o queima Judas, o carnaval e a música popular, o mamulengo, o bumba-meu-boi, artesanato e artes plásticas populares. Todas estas manifestações folclóricas carregam em si a vontade popular e a forma como o popular se posiciona diante dos fatos políticos econômicos e sociais em curso.

Beltrão conclui sua obra enfatizando a importância da “comunicação jornalística como instrumento básico de promover a interação social com vistas aos programas de desenvolvimento cultural e econômico” (BELTRÃO, 2001, p. 255). O autor vai ainda alertar para a necessidade de promover uma reunificação no pensamento e na ação das duas “classes” constitutivas do Brasil, para assim constituir a “verdadeira” nação brasileira.

Após todo esse percurso podemos fazer algumas ressalvas que nos parecem importantes, aparentemente Beltrão não constrói nenhuma distinção entre cultura popular e folclore utilizando os dois termos, quase sempre como sinônimos, quando não submetendo o último (folclore) ao julgo de uma estrutura superior (cultura popular).

Se uma faceta da obra de Beltrão é essa ênfase na dicotomia do Brasil e na sua necessária união para a constituição de uma unidade nacional, a outra é que Beltrão insere a cultura popular e o folclore como força capaz de modificar, ou ao menos, compreender e se fazer presente no jogo político – econômico. É no folclore e na cultura popular que as populações menos favorecidas têm um meio de “participar” do processo político, se as comparações nos permitem, é o “jeitinho” que os brasileiros marginalizados conseguiram para se integrar a esse outro Brasil.

Podemos dizer que a Folkcomunicação se apresenta como a reunião de diferentes atores sociais capazes de costurar os retalhos formadores do Brasil, formando uma nova “colcha” representativa da nação brasileira, processo este que se faz essencial para o Brasil entrar na Modernidade e reconstruir os laços unitários que permitiram a independência brasileira. Para Beltrão o momento que culminou com a independência



brasileira foi o maior representante da unidade nacional que a atividade comunicativa permite, como ele afirma:

A independência do Brasil resultou da unidade de pensamento e de ação construída pela mobilidade e pela atividade comunicativa dos jesuítas, sobretudo, mas também dos bandeirantes, curraleiros, mascates e tropeiros - agentes de ligação de núcleos esparsos de povoamento, disseminados em um território de oito milhões de quilômetros quadrados. (BELTRÃO, 2001, p. 119)

É nesse sentido que o processo folkcomunicativo é ambíguo, já que se constitui pelo conflito, mas ao mesmo tempo tenta saná-lo, apagá-lo. O processo folkcomunicativo só é possível graças ao isolamento de parte da população brasileira, isolamento tanto geográfico como social, que deve ser sanado, principalmente o social, para constituir uma unidade capaz de gerar uma nova independência, colocada em termos de “modernidade”, refletindo assim que a folkcomunicação é um processo necessário para o Brasil deixar de ser o país do futuro e verdadeiramente se constituir como país do futuro.

Como podemos perceber cultura popular e folclore são os objetos principais da teoria folkcomunicacional, assim o buscamos compreender como Beltrão se insere no debate acerca destas concepções.

Ortiz (1992, p.5) afirma que há duas “correntes” acerca do que seja a cultura popular

Tenho a impressão de que a polêmica oscila entre dois pólos. Fala-se de grupos populares, subalternos, no sentido classista do termo. Eles seriam os portadores de uma cultura radicalmente distinta, contrastante com a de uma elite esclarecida. É dentro desta perspectiva que toda uma literatura engajada utiliza a noção de cultura popular, atribuindo às manifestações concretas uma potencialidade na construção de uma nova identidade. Permanece, porém uma outra acepção do termo, não excludente da anterior, mais abrangente. Popular enquanto sinônimo de povo. A inflexão restritiva de classe sede lugar a uma totalidade que a transcenderia. Daí a associação íntima entre cultura popular e questão nacional; a reflexão integra assim os dilemas da nacionalidade.

Ortiz (1992) faz ainda uma distinção entre os teóricos que pensam a cultura popular. Há os antiquários clássicos, que possuem um afã colecionar de organizar e resguardar o material proveniente da cultura popular, o que faz incorrer no erro de retirar os objetos de seus contextos, o que conseguem é somente ordenar determinados “pedaços” da cultura, mas possuem grandes dificuldades em construir associações entre eles.



Os “românticos” compartilham alguns traços dos antiquários, o gosto pelo bizarro, pelo que se difere, mas possuem um apreço especial pela historicidade dos fatos culturais. Privilegiam as vivências, a sensibilidade, a espontaneidade; voltam-se mais para a qualidade do material, sua integridade histórica. A tradição é outro ponto extremamente importante para os românticos. É por meio dela que se pode alcançar os substratos de uma autêntica cultura nacional. (ORTIZ, 1992)

Há os “folcloristas”, de origem inglesa, que buscam construir uma ciência sobre o folclore. Ciência esta responsável pelo estudo dos vestígios do passado no presente, ou melhor: “eles reivindicam como objeto a análise da cultura selvagem no seio das sociedades modernas” (ORTIZ, 1992, p.33). Para estes folcloristas “o contraste entre civilização e barbárie revela, pois o processo de formação da nacionalidade” (ORTIZ, 1992, p.36). Podemos observar também a forte importância que a tradição recebe nessa corrente, concebida enquanto “o passado em vias de extinção” (ORTIZ, 1992, p.39). Para legitimar um campo científico de atuação os folcloristas desenvolveram importantes pesquisas, onde o trabalho empírico recebia papel primordial. Mas é um trabalho empírico marcado pela “acidentalidade metodológica” enquanto necessidade inerente a própria ciência em desenvolvimento.

Pelo que observarmos Luiz Beltrão não se liga diretamente a nenhuma destas correntes. Da corrente folclorista ele mesmo se distancia “Olha, eu costumo dizer que quando o indivíduo me chama de folclorista eu digo não, sou um aproveitador do folclorista. Na verdade, eu não sou um folclorista, mas um homem que aproveita a pesquisa feita pelo folclorista.” (BELTRÃO, 2001A, p. 205). Da corrente romântica não há nem possibilidades de comparação, posto que foi um movimento a muito superado. Nesse sentido ele é um personagem singular e um tanto quanto anacrônico. Isto quer dizer, que ele se associa a diferentes correntes teóricas com o único intuito de fortalecer a formulação da teoria folkcomunicação, por isso permanece sempre um esforço por manter uma concepção de neutralidade (política) diante da sua obra. Devemos então, avançar nas pesquisas, redescobrimo a obra de Luiz Beltrão e suas implicações políticas para o período em que se desenvolveu.



Referências Bibliográficas

BELTRÃO, Luiz – **Folkcomunicação**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BENJAMIN, Roberto. **Itinerário de Luiz Beltrão**. Recife: AIP/UNICAP, 1998.

MARQUES DE MELLO, José (Org.). **Mídia e Folclore**: o estudo da folkcomunicação segundo Luiz Beltrão. Maringá/São Bernardo do Campo, Faculdades Maringá / Universidade Metodista de São Paulo / Cátedra Unesco de Comunicação, 2001A.

ORLANDI, Eni. (Org.) **Discurso fundador** – a formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas, SP: Pontes, 1993.

ORTIZ, Renato – **Cultura brasileira e Identidade Nacional**. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

_____ - **Cultura Popular**: Românticos e Folcloristas. São Paulo: Olho D'agua, 1999.